

# A Produção do Conhecimento Geográfico

6

Ingrid Aparecida Gomes  
(Organizadora)



 **Atena**  
Editora

Ano 2018

Ingrid Aparecida Gomes  
(Organizadora)

# A Produção do Conhecimento Geográfico 6

Atena Editora  
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Geraldo Alves e Natália Sandrini

**Revisão:** Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento geográfico 6 [recurso eletrônico] /  
Organizadora Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR):  
Atena Editora, 2018. – (A Produção do Conhecimento  
Geográfico; v. 6)

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-85107-83-3  
DOI 10.22533/at.ed.833181211

1. Ciências agrárias. 2. Percepção espacial. 3. Pesquisa agrária  
– Brasil. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 630

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A obra “A Produção do Conhecimento Geográfico” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, apresenta, em seus 16 capítulos, discussões de diversas abordagens da Geografia humana, com ênfase no planejamento urbano.

A Geografia humana engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento cultural e social.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia humana, refere-se a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras e etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo, e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação homem e meio, mas também são incluídos fatores como planejamento, gestão, inclusão, mobilidade.

Neste sentido, este volume dedicado a Geografia humana, apresenta artigos alinhados com a estudos do planejamento urbano. A importância dos estudos geográficos dessa vertente, é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos geógrafos em desvendar a realidade dos espaços escolares.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

## SUMÁRIO

### CONCEPÇÕES GEOGRÁFICAS DO PLANEJAMENTO URBANO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A DIMENSÃO TERRITORIAL DA POLÍTICA PÚBLICA DE C,T&I	
Sunamita Iris Rodrigues Borges da Costa Ana Cristina de Almeida Fernandes	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>21</b>
A PRODUÇÃO SOCIOESPACIAL URBANA DE CONVENIÊNCIAS, TURISMO E LAZER: O CASO DE PARNAMIRIM-RN	
Antonio Tadeu Pinto Soares Junior	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>30</b>
A REDE DE GESTÃO DAS EMPRESAS PRIVADAS E PÚBLICAS COMO ORDENADORAS DO TERRITÓRIO BRASILEIRO NA SEGUNDA DÉCADA DO SÉCULO XXI	
Paulo Wagner Teixeira Marques Miguel Ângelo Ribeiro	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>42</b>
AS MÚLTIPLAS FORMAS DE PRODUÇÃO DO ESPAÇO DO BAIRRO DE DEODORO-CIDADE DO RIO DE JANEIRO: DA VILA MILITAR AOS NOVOS VETORES TECNOLÓGICOS PARA A REALIZAÇÃO DOS JOGOS OLÍMPICOS DE 2016.	
Renato Candido da Silva Regina Célia de Mattos	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>51</b>
CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DE UM PLANEJAMENTO URBANO INCLUSIVO: POR UMA “GEOGRAFIA DA DEFICIÊNCIA”	
Anna Paula Lombardi Cicilian Luiza Löwen Sahr	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>62</b>
FRAGILIDADE INSTITUCIONAL E CRISE DO PLANEJAMENTO URBANO NA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE: UMA CRÍTICA À CIDADE COMO NEGÓCIO	
Aduino Gomes Barbosa	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>72</b>
INSTRUMENTOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS E GESTÃO GOVERNAMENTAL	
Maria José Andrade da Silva	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>82</b>
METRÓPOLES, GOVERNANÇA METROPOLITANA E CONSÓRCIOS INTERMUNICIPAIS: POSSIBILIDADES E DESAFIOS PARA A REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO.	
Thiago Giliberti Bersot Gonçalves Ana Lucia Nogueira de Paiva Britto Eliane Ribeiro de Almeida da Silva Bessa	



<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>91</b>
O PARQUE URBANO DA REDENÇÃO EM PORTO ALEGRE-RS E A PRODUÇÃO DOS ESPAÇOS CONCEBIDO E VIVIDO.	
Jaqueline Lessa Maciel Benhur Pinós da Costa	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>104</b>
O PLANO DIRETOR COMO INSTRUMENTO DO PLANEJAMENTO URBANO: LIÇÕES DO EVENTO SOCIOAMBIENTAL DA REGIÃO SERRANA E O CASO DE NOVA FRIBURGO.	
Luciana Herdy Messa	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>117</b>
OS SENTIDOS DOS MUROS E AS ESTRATÉGIAS DE DISTINÇÃO SOCIAL: RESIDENCIAIS FECHADOS EM CIDADES NÃO METROPOLITANAS	
Patrícia Helena Milani Eda Maria Góes	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>127</b>
POLÍTICAS PÚBLICAS PARA PROMOÇÃO DO TURISMO E SUAS REPERCUSSÕES NO TERRITÓRIO GOIANO	
Rangel Gomes Godinho Ivanilton José de Oliveira	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>137</b>
POLÍTICAS PÚBLICAS, ESCALA LOCAL, E O DESAFIO DA INTEGRAÇÃO SOCIAL DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE REFÚGIO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO	
Gustavo Junger da Silva	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>154</b>
POLÍTICAS TERRITORIAIS NA AMÉRICA DO SUL: INTENCIONALIDADES E PRESSUPOSTOS DO ORDENAMENTO TERRITORIAL E SUAS VINCULAÇÕES COM A INTEGRAÇÃO REGIONAL	
Claudete de Castro Silva Vitte	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>169</b>
URBANIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA E QUALIDADE DE VIDA PARA “CIDADES INTELIGENTES”: UM DEBATE A PARTIR DOS INDICADORES DO IMRS NA MICRORREGIÃO DE ARAXÁ, MINAS GERAIS	
Josimar dos Reis de Souza Beatriz Ribeiro Soares	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>181</b>
SUPERMERCADOS E ESTRATÉGIAS ESPACIAIS: ASPECTOS DA DINÂMICA URBANA E DO CONSUMO EM FORTALEZA-CE	
Tiago Fernando Gomes Barbosa	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>192</b>

## CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DE UM PLANEJAMENTO URBANO INCLUSIVO: POR UMA “GEOGRAFIA DA DEFICIÊNCIA”

### **Anna Paula Lombardi**

Doutora em Geografia - Universidade Estadual de Ponta Grossa. Docente do Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais -CESCAGE

### **Cicilian Luiza Löwen Sahr**

Doutora em Geografia Humana – Universitatat Tubing (Eberhard – Karls). Docente pelos Programas de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa e da Universidade Federal do Paraná.

**RESUMO:** O reconhecimento das diferenças e, conseqüentemente, das especificidades das Pessoas com Deficiência (PcD) no Brasil representa hoje um grande desafio no sentido de propiciar uma equiparação de oportunidades para todos. Busca-se compreender como a configuração dos espaços cotidianos das PcD podem contribuir para a efetivação de um planejamento urbano inclusivo. Trata-se de uma contribuição para a construção de uma Geografia da Deficiência no Brasil. O recorte espacial da pesquisa é a cidade paranaense de Ponta Grossa. Utiliza-se como ferramenta entrevistas em profundidade qualitativa primária com fotoprovocação e ou elicitación (*Photographic Elicitation Interviewing - PEI*). Entende-se que para se alcançar um espaço urbano inclusivo torna-se necessário um esforço programado tanto das PcD, como do Estado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pessoas com Deficiência; Geografia da Deficiência; Espaços cotidianos; Planejamento Urbano Inclusivo, Ponta Grossa-PR.

**ABSTRACT:** The respect for difference and, consequently, for the specific conditions of disabled persons are a constant challenge in Brazil, supposing that equal opportunities have to be guaranteed for all. This research focuses on the comprehension of how the configuration of everyday spaces of disabled persons can contribute to implement inclusive urban planning. It can be understood as a contribution to the development of a “Geography of Disabilities” in Brazil. Spatially, the research is focused on the Paraná city of Ponta Grossa and uses qualitative in-depth interviews, including Photographic Elicitation Interviewing (PEI). To achieve an inclusive urban space, a joint effort is needed from both disabled persons and the state.

**KEY-WORDS:** Disabled persons, Geography of disabilities, Everyday spaces, inclusive urban planning, Ponta Grossa-PR.

### **INTRODUÇÃO**

Os geógrafos britânicos, americanos, canadenses e australianos destacam-se na produção científica sobre as Pessoas com

Deficiência (PcD). Os estudos das PcD no âmbito da geografia anglofônica começaram entre britânicos e norte-americanos, caracterizando uma primeira onda entre 1980 a 1993. A segunda onda, que se apresenta logo após 1993, amplia sua abrangência, tendo produção também de geógrafos canadenses e australianos (CHOUINARD, HALL E WILTON, 2010).

A ciência geográfica brasileira possui uma completa ausência de produção de conhecimento em relação às PcD e seus espaços cotidianos. Também os estudos acerca de um planejamento urbano inclusivo para PcD são poucos e recentes, embora venham ganhando visibilidade. Não se pode, entretanto, desconsiderar este segmento na estruturação socioespacial brasileira. Neste sentido, esta pesquisa busca preencher tal lacuna acadêmica.

O termo Pessoas com Deficiência (PcD) foi aprovado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2006. No Brasil o termo foi instituído pelo Decreto-Legislativo n. 186 de 09 de julho de 2008 e pelo Decreto de Promulgação n. 6949, de 25 de agosto de 2009. (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2011).

A pesquisa se estrutura a partir da seguinte problemática: De que forma a compreensão da dinâmica de configuração dos espaços cotidianos das PcD pode contribuir para a efetivação de um planejamento urbano inclusivo? O recorte espacial da pesquisa é a cidade paranaense de Ponta Grossa, tendo como foco o estudo sobre os espaços cotidianos das PcD física neuromotora. O objetivo do artigo é identificar os entraves em termos de acessibilidade e inclusão socioespacial vivenciados nos espaços cotidianos pelas PcD física neuromotora em Ponta Grossa-PR.

A pesquisa tem suporte em coleta direta de dados junto aos “sujeitos”, dando voz as PcD, trata-se de entrevistas gravadas e transcritas para a melhor compreensão dos fatos. Para tanto se utiliza como ferramenta entrevistas em profundidade qualitativa primária com fotoprovação e ou elicitación (*Photographic Elicitation Interviewing - PEI*). Trata-se de uma metodologia qualitativa na qual os pesquisadores introduzem fotografias em contexto de entrevistas. As fotografias utilizadas podem se originar tanto do entrevistado, que é o caso desta pesquisa, como do pesquisador. Os pesquisadores podem usar fotografias como uma ferramenta para expandir as perguntas e, simultaneamente, os participantes podem utilizar fotografias para fornecer uma maneira única de se comunicar pelas dimensões de suas vidas. (IBÁÑEZ, 2004).

Entende-se que para se alcançar um espaço urbano com características de inclusão torna-se necessário um esforço programado tanto das PcD para suas próprias questões, como do Estado para que venha a ser capaz de concretizar as mudanças necessárias. Neste sentido, cabe a ciência geográfica a produção de conhecimento sobre os “Espaços de Deficiência”.

O artigo se estrutura em dois momentos. Inicialmente se apresenta os estudos da Geografia da Deficiência. Em um segundo momento traz-se reflexões sobre o planejamento urbano inclusivo na área central em Ponta Grossa-PR.



## A “GEOGRAFIA DA DEFICIÊNCIA” COMO ÁREA DE PESQUISA EMERGENTE

As PcD em seu contexto histórico têm sido ignoradas, escondidas e estigmatizadas, marcando saberes propagados derivados de uma cultura de invisibilidade. As PcD tiveram que lutar contra séculos de suposições tendenciosas, estereótipos nocivos e medos irracionais. A estigmatização estabelecida por normas distinguiu grupos e resultou na marginalização social e econômica de gerações de PcD. Na contemporaneidade, a realidade das PcD é de uma maioria que ainda vive em um estado grave de empobrecimento.

No Brasil, poucos são os geógrafos que colaboraram para dar visibilidade às PcD. Compreender a dinâmica do espaço cotidiano desse grupo possibilita mostrar as perspectivas reais de vida que enfrentam. Desta forma, as pesquisas e estudos devem ter como prioridade apontar propostas que possibilite melhores condições de vida a estas pessoas, e também a redução das desigualdades de oportunidades. A intenção de estudar as PcD no âmbito da Geografia é a de ter uma leitura crítica das percepções e transformações humanas sobre o espaço.

Segundo Martins et al (2012), em países como os Estados Unidos e o Reino Unido, este retrato foi alterado ao longo das últimas décadas, tendo início nos anos 1970, por meio dos movimentos sociais de PcD. A luta política das PcD “foi acompanhada pela emergência na academia dos estudos da deficiência *Disability Studies*” (p. 46), uma área de investigação em ascensão com o compromisso político de denúncia da opressão social vividas por essas pessoas e na aspiração de uma sociedade mais inclusiva.

Em termos gerais, Ferguson e Nusbaum (2012) esclarecem que o campo acadêmico dos *Disability Studies* tem se expandido, tornando-se comum em quase todas as áreas de investigação que envolve o estudo e as questões mais diversas que afetam diretamente as PcD no âmbito social, cultural, político e econômico. As pesquisas que emergem desta nova tendência, ainda em evolução, tem como interesse principal melhorar as condições de vida dos indivíduos que possuem alguma deficiência. Assim, os estudos sobre a deficiência se retratam inicialmente como um estudo interdisciplinar, tendo a contribuição de diversas áreas do conhecimento, entre elas a Ciência Geográfica com os estudos da *Disability Geography*.

Portanto, os *Disability Studies* vieram como contrapartida ao modelo médico da deficiência e ao modelo social da deficiência, que eram estudos predominantes e que consideravam as PcD como *Ableism*, que significa discriminação contra uma PcD. Segundo Barnes (2012), para estes modelos a deficiência era compreendida exclusivamente como um problema biológico da pessoa, ou seja, uma tragédia pessoal na cultura ocidental. Num primeiro momento, os estudos da *Disability Geography* sofreram influências desses dois tipos de abordagem em sua primeira onda de estudos, indo na direção inversa ao dos *Disability Studies* desenvolvidos por acadêmicos com deficiência e também por alguns sem deficiência.

Segundo Chouinard, Hall e Wilton (2010) a primeira onda dos estudos da *Disability Geography* ocorreu entre 1980 a 1993. Os geógrafos britânicos e norte-americanos deram início ao desenvolvimento do Geografia da Deficiência. Apesar da prevalência da deficiência e da expressão espacial da exclusão social e discriminação vivenciada pelas PcD, nestes estudos não foi possível analisar a estrutura subjacente e a produção institucional das barreiras que as PcD enfrentavam. Os hospitais e asilos eram os ambientes comunitários ao qual se reportavam os estudos, expondo a falta de suporte para PcD com problemas de saúde mental nas áreas urbanas. Nestes estudos existe uma forte captação da “diferença” experimentada pelos próprios grupos de PcD. Nos espaços das cidades apontava-se a nítida precariedade de infraestrutura e de habitação, tendo como consequência a discriminação e exclusão socioespacial deste segmento social.

Assim, este primeiro momento de estudos da Geografia da Deficiência, conforme apontam Chouinard, Hall e Wilton (2010), esteve centrado em uma concepção individualista da deficiência, e não havia preocupação com as causas socioespaciais produzidas pela ampla exclusão. É importante destacar que foram alcançadas percepções espaciais claras, e, sobretudo se constatou as condições de PcD como incapacitadas as *ableism*. Os aspectos socioculturais contribuíram para trazer à tona as constatações incorporadas na discriminação de uma sociedade conservadora e nos serviços de assistência social. As percepções foram altamente significativas para os estudos posteriores sobre a deficiência.

Estes novos estudos críticos ou interpretativos começaram a surgir nas páginas da revista *Transactions of the Institute of British Geographers*. Embora, as pesquisas se mantivessem na mesma direção, estudos voltados à exclusão e discriminação sofrida pelas PcD em espaços públicos e privados, bem como, a valorização da relação entre deficiência e espaço tornaram-se mais sutis e complexos. (CHOUINARD, HALL E WILTON, 2010).

A Geografia da Deficiência, na segunda onda de estudos, além de britânicos e norte-americanos, incluiu ainda canadenses e australianos. Nesses estudos, teve-se primeiramente uma ampliação do significado “deficiência”, o que possibilitou englobar outros conhecimentos. Em segundo lugar, cresceu a preocupação com as experiências corporificadas da deficiência e das doenças crônicas. Em terceiro lugar, incluíram-se as possibilidades e desafios do aumento da interação entre pessoas e tecnologia com deficiência. Por fim, apareceu o interesse na formação de agendas políticas sobre o “espaço” das PcD na sociedade contemporânea. (CHOUINARD, HALL E WILTON, 2010).

A *Disability Geography* se tornou um tema central de discussões e destaca-se os seguintes geógrafos: Ruth Buther, Hester Parr, Brendan Gleeson, Dan Jacobson, Vera Chouinard, Robert Wilton e uma ênfase especial a Rob Imrie, que vem realizando estudos sobre o planejamento urbano e acesso das PcD no espaço urbano, numa perspectiva de equidade e justiça social.

No Brasil os estudos sobre a deficiência no âmbito da ciência geográfica apresentam-se como um subcampo negligenciado de investigação, constituindo-se de ausências e/ou silêncios. Estes podem ser constatados através de levantamento no banco de Teses e Dissertações da Capes. Tendo como recorte temporal de 2010 até o momento, do total de 498 trabalhos encontrados entre Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado com o termo “Pessoas com Deficiência”, apenas 2 são da área específica da Geografia. Trata-se de duas Dissertações de Mestrado. Uma se refere à formação continuada de professores de geografia na perspectiva de inclusão de estudantes com baixa visão e cegos em Uberlândia/MG (ALMEIDA, 2011). E a outra é a minha Dissertação de Mestrado que teve como finalidade estudar a inclusão socioespacial de PcD no Programa Federal de Habitação “Minha Casa Minha Vida” através do conceito de “espaço de morar” (LOMBARDI, 2013).

Assim, se buscará suprir parcialmente esta lacuna a partir do desenvolvimento do presente artigo, no qual, o entendimento dos espaços cotidianos das PcD torna-se a base fundamental para o desenvolvimento de um planejamento urbano inclusivo.

## **O PLANEJAMENTO URBANO E O COTIDIANO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA**

No Brasil, apenas nos últimos anos as PcD começam a ter visibilidade na sociedade. Esse grupo vem se mobilizando e reivindica o direito da inclusão nos mais diversos espaços e o reconhecimento da diversidade humana. Para Barreto (2008), vive-se um momento em que se começa a sentir as consequências de uma cultura que tem dificuldade em aceitar a deficiência e na qual se tem ausência de visão de futuro, com reflexos evidentes na falta de acessibilidade nas cidades.

Para a efetivação de mudanças que levem as PcD a prosperarem e terem melhor qualidade de vida, torna-se necessário gestores com capacidade para realizar planejamentos urbanos que possibilitem a inclusão de grupos colocados à margem da sociedade. Kapp (2012) aponta os espaços cotidianos como a escala ideal para o exercício da cidadania das PcD:

Os espaços cotidianos seriam assim, a menor escala de um exercício concreto do direito à cidade entendido como direito coletivo de transformá-la”. O dilema dessa perspectiva, é a abrangência de uma “menor escala” envolvendo uma coletividade, neste caso as PcD, e sua articulação com as demais. Desse modo, “a autonomia na sua produção implica que grupos locais e microlocais determinem seus processos e desenvolvam-nos ao longo do tempo. (KAPP, 2012, p.469).

Heller (1982) esclarece que a vida cotidiana aparece como uma preocupação filosófica. A vida dos sujeitos é vivida na totalidade, sendo determinada pelas condições de vida a serem seguidas, inteiramente e em todos os aspectos, colocando em agitações as habilidades, capacidades, sentimentos e projetos para estimular a vida por inteiro. Assim, as PcD podem ser consideradas relativamente livres e autônomas para estabelecer seus espaços cotidianos e contribuir na busca de melhores condições de vida na saúde, educação, transporte, segurança, moradias, trabalho, comércios,

saneamento básico, infraestrutura, lazer, entre outros.

Definindo-se o sujeito e seus espaços cotidianos como centrais no processo de transformação, é possível se buscar um planejamento inclusivo. As PcD, a partir de suas vivências, concentram informações reais para alimentar as gestões. Desse modo, é necessário estudar soluções relacionadas à falta de instalações adequadas e que sejam capazes de transformar - de forma eficiente - um espaço de exclusão em um espaço totalmente adaptado.

Considerando tais argumentações, apresenta-se na sequência reflexões a partir do espaço cotidiano de PcD da cidade de Ponta Grossa, buscando apontar potencialidades de um planejamento inclusivo. A cidade de Ponta Grossa se localiza na região Centro Sul do estado do Paraná. Segundo o IBGE, em 2010 a cidade possuía um total de 311.611 habitantes e desses 21%, ou seja, 65.081 mil pessoas com pelo menos uma deficiência, seja física neuromotora, auditiva, visual e intelectual/mental. Ponta Grossa é, portanto, uma cidade que tem um número expressivo de PcD e para estas, logo, as dificuldades existem não somente pelo falta de acessibilidade no espaço físico, mas, principalmente, nas próprias relações sociais de uns com os outros.

Para se dar voz as PcD, “sujeitos” dessa pesquisa, utilizou-se como ferramenta entrevistas em profundidade qualitativa primária com fotoprovação e ou elicitación (*Photographic Elicitation Interviewing - PEI*). Quanto à escolha da técnica PEI, está serve para se obter dados primários que foram fornecidos pelos participantes da pesquisa, que terão a função de tirar fotos de diferentes locais (espaços cotidianos) em que atuam. É uma técnica que ajuda as PcD a transferir as suas experiências e vivências diárias sem se sentir pressionado para descrever as suas histórias e situações íntimas. (LOPEZ NORES, 2014). Neste ensaio, participaram duas PcD física neuromotora do gênero feminino com idades entre 35 e 48 anos. Ambas participantes são solteiras, não tem filhos, nasceram com deficiência (deficiência moderada, paraplegia), e utilizam cadeiras de rodas para se locomover. (Quadro 1).

Dados de identificação	PcD 1	PcD 2
<b>Escolaridade</b>	Ensino superior incompleto	Fundamental 1° ao 5° ano
<b>Profissão</b>	Recebe benefício	Vendedora autônoma
<b>Tipo de Moradia</b>	Associação	Familiar
<b>Adaptações na Moradia</b>	Sim	Sim
<b>Bairro da Moradia</b>	Jardim Carvalho	Uvaranas
<b>Tempo de residência no Bairro</b>	13 anos	28 anos

Quadro 1- Dados de identificação das PcD física neuromotora participantes da pesquisa

Fonte: Lombardi (2015).

Para se atingir o objetivo desta pesquisa utilizou-se como análise o modo de interação interpretativo. Este modo de interação está relacionado à percepção das PcD em relação a sua interação com o espaço urbano e a sua vivência no mesmo a

partir da sua casa, bairro e cidade. (LOPEZ NORES, 2012).

As PcD física neuromotora que participaram desta pesquisa possuem pouca mobilidade fruto da falta de acessibilidade em Ponta Grossa. Como vivem em espaços adaptados internamente, possuem mais acessibilidade dentro de suas casas do que fora dela. Para este artigo, a análise se restringe a acessibilidade para com a área central da cidade, pois é nesta que se concentra a maioria dos espaços comerciais e de serviços, e é também nela que tais espaços são mais frequentados pelas PcD física neuromotora em seu cotidiano.

Em relação ao deslocamento do bairro para o centro da cidade, os meios de transporte utilizados pelas PcD participantes da pesquisa são o Transporte Público Coletivo e o Transporte Especial. (Fotos 1 e 2). O TE foi criado com o Decreto Lei n. 1461/07. Tem como finalidade atender a demanda específica das PcD que utilizam a cadeira de rodas. O transporte começou a funcionar com 4 peruas VW Kombi, atualmente possui 5 carros para transportar PcD física neuromotora.



Fotos 1 e 2 – PcD física neuromotora usuárias do Transporte Coletivo Público e Transporte Especial em Ponta Grossa-PR

Fonte: Lombardi (2015).

As dificuldades das PcD em relação ao transporte são diversas, destacando-se a precariedade e a falta de segurança (Quadro 2). Todavia, o fator que mais contribui nas dificuldades é a falta de treinamento dos que conduzem o transporte no tratamento diferenciado para com a PCD.



PcD 1	PcD 2
<p>O Transporte Especial é adaptado, o carro especial do PROAMOR. Já ônibus público nem sempre é, aqui é complicado. Tinha épocas que o motorista já falou mal, o ônibus não parava. A rampa do ônibus vive estragada, não tem manutenção, mas, o pior é o motorista. Às vezes estão atrasados e nem param para a gente e quando param ficam reclamando. Já aconteceu de várias situações ruins. Quando o ônibus não é adaptado ou está com a rampa estragada, a pessoa que me acompanha tem que me pegar e erguer, pegar no colo igual criança e daí colocar no banco lá dentro. Eu estudava, mas, parei com os estudos. O principal motivo foi por falta de transporte. As pessoas acham que a PcD não precisa estudar, até mesmo o próprio pessoal da família. Por ganhar o benefício do governo sempre questionaram a questão de estudar, mas, a falta de transporte foi o principal motivo de largar a faculdade. Os dias que conseguia ir a faculdade ia com o TE.</p>	<p>Eu saio e uso o transporte especial e o ônibus da VCG [Viação Campos Gerais] brigando sempre com os motoristas e cobradores que não tem paciência. Não tem cinto de segurança, como eu sempre digo fazem cinto para a cadeira, mas, não fazem para o usuário da cadeira daí se cair o usuário e bater à cabeça quem vai reparar o dano. O carro especial TE que é adaptado vem até a minha casa. A gente tem que ligar com antecedência, um dia antes e dizer aonde vai, este transporte vem buscar e trazer em casa. Mas, nem sempre é o horário que a gente marca (risos), mas volta buscar. Isto é um dos problemas, tem poucos carros e daí é complicado. A minha briga maior em relação ao transporte também que é precário, não tem segurança nenhuma. Se a gente tem um transporte desse, é para ter uma vida independente de uma certa forma, mas, não é isso que acontece. A gente tem que ir com uma outra pessoa junto, a demanda da procura do táxi é muito grande, apesar que muita gente nem sabe que o táxi existe. Apesar de estar muito tempo funcionando, eu conheço pessoas que até fazem fisioterapia comigo e nem sabe que o táxi existe.</p>

Quadro 2 – Grau de satisfação das PcD física neuromotora com o Transporte Coletivo Público e o Transporte Especial.

Fonte: Lombardi (2015).

Observa-se, portanto, que os problemas de acessibilidade aos espaços da cidade, até mesmo de sua área central que dispõem de melhor infraestrutura que o restante da cidade, representam a primeira barreira a ser enfrentada pelas PcD para que não fiquem exclusas a seus espaços de moradia. Neste contexto, cabe analisar os espaços de topofobia elencados pelas PcD em relação a área central do espaço urbano de Ponta Grossa (Quadro 3). Entre os espaços mencionados destacam-se as calçadas para pedestre sem adaptações e em condições precárias, os estabelecimentos comerciais sem adaptações e sem pessoal treinado para o atendimento, e a população em geral que se constrange e/ou falta com o respeito. Por outro lado, apesar da desesperança, vigora também um sentimento de luta para vencer tais atrocidades.

PcD 1	PcD 2
<b>Espaços que menos gosta e/ou se identifica</b>	
A gente tem que disputar lugar muitas vezes com os carros, porque as calçadas tem poste, tem buraco, não dá para a gente passar. Tem que sair da calçada e ir lá na rua disputar espaço com o carro para pode sair do lugar. Eu já cai na rua, na frente do terminal porque tinha um buraco na calçada. Eu também não gosto de ir na lanchonete do centro. É uma lanchonete que não me sinto a vontade, tem que ficar pedindo licença para as pessoas, é bem estreito e a pessoa que me acompanha tem que ficar erguendo a cadeira.	Além das barreiras físicas que está em todas partes, nas lojas, em diversos estabelecimentos, é o tratamento dos atendentes que vamos encontrando por aí, é o tratamento ruim das próprias pessoas e às vezes, um atendente de um lugar que atenda uma PcD precisa se especializar. Eu já encontrei muitas vezes atendentes que simplesmente me ignoraram mesmo eu indo comprar falam somente com minha irmã. Uma vez uma atendente que chegou no meu lado e falou para mim: nossa você fala. Então é isso, fica difícil, mas um dia vai mudar isso aí, não sei quando mais vai. O que depende de mim enquanto estiver aqui, vou fazer de tudo para fazer a diferença.
<b>Relações e situações de constrangimento nos lugares que costuma frequentar</b>	
Há lugares que já fui barrada porque não tinha acesso e falavam assim: por que não deixa ela lá fora. Era uma lanchonete, e faz um tempo já. Eu estava com uma acompanhante que falou: como que eu vou comer e deixar ela aqui fora esperando. E daí a pessoa ainda falou “depois ela come”. Só porque é deficiente não come, daí o pessoal falava assim: “não tem acesso aqui, vão para outro lugar” e pegamos e fomos para outro lugar, mas tudo bem, faz parte e a gente foi comer em outro lugar.	Teve um lugar que foi uma coisa que me revoltou bastante e isso eu não vou esquecer, vou morrer lembrando. Em uma determinada lanchonete pediram para eu comer no banheiro por que era grande e adaptado. É uma pizzaria que tem no Calçadão. Nós entramos e tem um degrau, mas consegui entrar e quando fomos chegar na mesa o formato da mesa deles não dava certo com a minha cadeira. Ficou uns 30 cm longe da mesa, não dava certo a distância e nem a altura da mesa. Não consegui comer, pois não tinha apoio e falei ao gerente que talvez futuramente ele podia fazer umas adaptações para as pessoas que utilizam cadeiras. Ele me respondeu falando que era complicado e como que ele ia fazer uma mesa para deficiente cadeirante, que cadeirante era de vez em quando que aparecia e ele não podia proibir os outros clientes de sentar na mesa, porque se chegasse cadeirante ele não ia tirar os clientes dele para colocar o cadeirante. Em seguida ele disse, mas, se você quiser saber o meu banheiro é adaptado, você quer ver.
<b>Momentos de tristezas em sua cidade</b>	
Quando eu vou num lugar que não tem muito acessibilidade. Que nem na lanchonete, lá eu me senti mal.	O que me deixa muito triste é ter que estar brigando para conseguir umas coisas tão simples para a gente que é usuário de cadeira, desde transportes, atendimentos e acessibilidade. Não existe respeito.

Quadro 3 – Relatos negativos das PcD física neuromotora sobre os espaços cotidianos na área central em Ponta Grossa-PR.

Fonte: Lombardi (2015).

Entretanto, as PcD apresentaram também os lugares que gostam de frequentar e que se identificam na área central da cidade e relatam alguns momentos de felicidade vivenciados nesses lugares (Quadro 4). O principal Shopping da cidade é considerado o espaço de maior identificação, seguido do comércio e igreja, mesmo assim, obstáculos como degraus e corredores estreitos são apontados. A participação em festas e shows populares representam momentos de destaque no cotidiano das PcD.

PcD 1	PcD 2
<b>Espaço que mais gosta e/ou se identifica</b>	
Shopping Palladium	Shopping Palladium
<b>Espaços frequentados e sua acessibilidade</b>	
O Shopping, as lanchonetes e na Igreja. No Shopping tem tudo, tem a praça de alimentação, tem gente, gente diferente, gente nova. Mas, não são todos os lugares que tem acessibilidade no shopping, aí depende do lugar, porque se eu ir nas Americanas não tem. A gente tem que entrar tirando uma prateleira do lugar, colocando ali pondo mais ali, tirando caixa do lugar, se não, não tem passagem. Os corredores também são estreitos, tenho dificuldade para se deslocar com a cadeira.	O shopping, cabeleireiro, comércios, lanchonetes, lojas, farmácias ... Eu vou, a gente vai, eu, meu pai e minha irmã. Não há acessibilidade em todos os lugares que vou, mas, sempre a gente vai. A minha família coloca a cara a tapa e vão me empurrando e entrando nos lugares sem acessibilidade. Sempre tem obstáculos, principalmente no calçadão. Você vai andar ali e não tem, apenas tem uma única loja que tem rampa se eu quiser ir sozinha na loja que tem rampa eu entro, mas outras que tem lá não tem. Sempre tem pelo menos um degrau de 5 cm, os empecilhos estão em todas as lojas, não tem uma que não tenha, sendo loja e restaurante é tudo.
<b>Momentos de felicidades em sua cidade</b>	
No shopping, lá damos muitas risadas, eu sempre vou com pessoas próximas, sempre vou acompanhada.	Já tive alguns, na München Fest*, nossa eu era festeira da München, e eu ia à Praça Ambiental muito, ver shows.

Quadro 4 – Relatos positivos das PcD física neuromotora sobre os espaços cotidianos na área central em Ponta Grossa-PR.

Nota: \* München Fest – Festa Nacional do chope escuro.

Fonte: Lombardi (2015).

Acessibilidade significa, no discurso do Estado, permitir que a PcD ou com mobilidade reduzida participe de atividades que incluem serviços, lazer, educação, saúde, participação no mercado de trabalho, entre outros. Para tanto, é necessária infraestrutura adequada no espaço urbano, das habitações e dos veículos públicos. (PLANALTO, 2011). Assim, a acessibilidade deve ser ampliada para as diversas áreas de atuação das PcD, ou seja, nos seus espaços cotidianos, com a finalidade de ampará-las e incluí-las cada vez mais na vida social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos espaços cotidianos das PcD física neuromotora possibilitou apresentar as diversas desigualdades vivenciadas pelas mesmas na área central de Ponta Grossa-PR. Assim, o estudo dos espaços cotidianos constitui-se em ferramenta para efetivar mudanças positivas tanto social quanto espacial às PcD. Logo, os geógrafos devem empreender mais visibilidade a temas da Geografia da Deficiência. O papel da ciência geográfica é buscar entender a relação entre espaço e sociedade, principalmente de grupos marginalizados socioespacialmente, como é o caso das PcD.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, D. C. S. de. **Entre a escola e a sociedade: bases para a formação continuada de Professores de Geografia na perspectiva da inclusão escolar com estudantes de baixa visão e cegos.** 2011. 144 f. Dissertação - (Pós-graduação em Geografia), Universidade Federal de Urbelândia, Urbelândia, 2011.
- BARNES, C. The social model of disability: valuable or irrelevant. In: Watson, N.; Roulstone, A.; e Thomas, C. **The Routledge Handbook of Disability Studies.** London: Routledge, 2012, pg. 12-29). Disponível em:< <http://www.mcgill.ca/files/osd/TheSocialModelofDisability.pdf>>. Acesso em: 20 Mai. 2015.
- BARRETO, H. **IReadaptação do domicílio face à pessoa com limitação funcional.** 2008. Disponível em:< [www.citma.pt/Uploads/Humberto\\_Barreto.pdf](http://www.citma.pt/Uploads/Humberto_Barreto.pdf)>. Acesso em: 30 Mai. 2012.
- CHOUINARD, V; HALL, E; e WILTON, R. **Towards enabling geographies: disabled bodies and minds.** Aldershot: Ashgate, 2010.
- FERGUSON, P. M.; NUSBAUM, E. Disability studies: what is it and what a difference does it make? **Journal Research & Practice for persons with severe disabilities.** Colorado, v.37, n. 2, p. 70-80, 2012. Disponível em:< <http://www.sagepub.com/journals/Journal202263>>. Acesso em: 29 Mai. 2015.
- HELLER, A. **Para mudar a vida.** São Paulo: Brasiliense, 1982.
- IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e estatística 2010.** Disponível em:< <http://www.ibge.gov.br/censo/>>. Acesso em: 02 Jun.2013.
- IBAÑEZ, M. C. Framing the social world with Photo-Elicitation interviews. **American Behavioral Scientist.** Califórnia, v.47, n. 12, p.507-527, 2004.
- KAPP, S. Direito ao espaço cotidiano: moradia e autonomia no plano de uma metrópole. **Metrópole,** São Paulo, v. 14, n. 28, p. 463-483, 2012.
- LOMBARDI, A. P. **Inclusão socioespacial de pessoas com Deficiência: os espaços de morar do Programa “Minha Casa Minha vida”.** (2013), 173f. Dissertação – (Pós-graduação em Geografia) Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR, Ponta Grossa, 2014.
- LÓPEZ NORES, M. A. **Gerontología ambiental: experiencia espacial de envejecer en la región Ciudad Juárez/El Paso.** 2014. 422f. Tese (Doutorado em Estudos Urbanos), Universidad Autónoma de Ciudad Juárez. Chihuahua, 2014.
- MARTINS, B. S.; FONTES, F.; HESPANHA, P.; BERG, A. A emancipação dos estudos da deficiência. **Revista crítica das Ciências Sociais,** Coimbra, v. 98, n. 3, p. 45-64, Set, 2012.
- MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. **A proteção constitucional das pessoas com deficiência.** 4. Ed. Brasília: Ministério da Justiça, 2011. Disponível em:<<http://www.mprs.mp.br/dirhum/doutrina/id248.htm>> Acesso em 01 Jul. 2015.
- PLANALTO. **Legislação do Programa Minha Casa Minha Vida, 2011.** Disponível em: <http://www2.planalto.gov.br/>. Acesso em: 18 Abr.2012.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-85107-83-3

